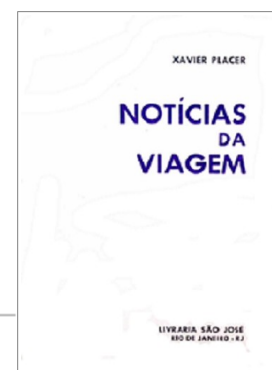


T Á B U A



Saltamos com os nossos bens

- I Esse, que vigila
- II O poeta e a rosa
- III O livro ideal
- IV Eucaliptos
- V Camarardente
- VI J.C.
- VII Mar oceano
- VIII Ferro-velho
- IX Sobre cães
- X Laocoonte
- IX Sobre cães
- X Laocoonte
- XI Variação sobre formigas
- XII As moscas
- XIII Lagartixas

- XIV Flashes
- XV Mural
- XVI Rede-moinho
- XVII Os mortos do ar
- XVIII Abelardo & Heloísa
- XIX O desembargador
- XX No Parque
- XXI Do caderno B
- XXII Ave, Virgínia
- XXIII Cinerama
- XXIV Salinas/Salinas
- XXIII Cinerama
- XXIV Salinas/Salinas
- XXV Uma e muitas vezes
- XXVI Ao judeu de Voorburg
- XXVII Ante o Pequeno-Grande

LIVRARIA SÃO JOSÉ - 1976

Orelhas do livro

Elaborado de 1960 a 1975 - este livro - *Notícias da Viagem* - composto nas Oficinas da GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA LTDA. à Rua da Regeneração, 475, em Bonsucesso, RJ, Brasil, acabou-se de imprimir em janeiro de 1976

SALTAMOS com nossos bens móveis e provisões, sonhos à ilharga, penetrando terra adentro.

E a visão da Cidade branca lavou os nossos olhos! Um instante paramos, nos entreolhando. – Avançamos com decisão.

Os contornos cada vez mais nítidos. Ali, dentro daqueles patamares, à sombra dos torreões e aléias, era ali.

Vimos o Sol se pôr, um a um os astros chegarem e a madrugada em seus fogos nos surpreendeu no êxtase da primeira hora.

Muitas eras deviam ter-se consumado, porque ao darmos cobro, verificamos haver feito o círculo inteiro. Estávamos no mesmo lugar.

O imediato acenava, acenava.

Era desusada a sua veemência de homem, pele crestada pelo sal. Mas ele acenava sempre como à aproximação de algum perigo. Houve um momento em que impropérios começaram a jorrar de sua boca.

Corremos para bordo, só houve tempo para alcançar o barco, cujo descascado casco as águas ameaçavam. Os companheiros, nenhum comentou o acontecimento. Mas dele, como peripécia que acontece uma só vez, os olhos se iluminaram para uma nova ótica.

VOCÊ

... esse, que vigila ou porque seja demais o cansaço ou porque veio a insônia;

esse, que desperto por um grito na noite queda-se a viajar a tela que o luar põe na parede do quarto;

esse, que atento ao trilo do grilo pensa e cala;

esse, que nas horas de dor se ausenta na paz do painel que a posição da cama permite ao inverso na vidraça;

esse, que vê os hábeis mercadejar e que sorri;

esse, silenciado pelos dias de Sol e os profanos ruídos e que assim que começa a chover e da terra chovida sobe o cheiro, desembarca de longe, estrangeiro;

que não atende por nome e a um tempo absoluto só pertence, apátrida, sem par, - esse é você.

O POETA E A ROSA

NO FIM da festa a anfitriã teve este gesto original: a cada conviva, uma rosa.

Ao meio dia do outro dia o Poeta viu que a flor magnífica, desabrochara, e sorriu. Achevou-se; respirou-lhe o viço – Escreveu um poema: *A Beleza e a Morte*.

E todas as manhãs assistia em seu quarto-biblioteca àquele rútilo milagre a domicílio. Sim, porque era uma encarnada rosa de náilon que um engenhoso dispositivo posto dentro movia em graça de abrir-fechar e suave odor.

Uma semana. Duas semanas. Um mês.

Então, nauseado, lançou a sua noiva pela janela, rica de espetáculo de vida, - mas perfeita criatura que não morria, e não morria nunca.

O LIVRO IDEAL

NA JUVENTUDE cuidou que a sabedoria podia condensar-se numa enciclopédia. As bibliotecas? Um excesso, uma afetação.

Depois pensou que se resolvia o problema (digamos), em três volumes, três levíssimos volumes.

Na altura dos quarenta, figurou-se que tudo estaria bem num livro, como a *Bíblia*. E afinal – velho já – perguntou-se por que não num folheto assim de umas dezesseis folhas?

In extremis, uma hora antes de vir o padre, declarou aos familiares que queria falar...

“Digam que volto às bibliotecas. Milhares de livros, milhões de formas e dimensões, encadernações, tudo bonito, - mas as páginas, as páginas podem ser em branco.”

EUCALIPTOS

O UÇO a palavra.

Eucaliptos! Em torno à mágica palavra, da azulado - esguia impressão assoma e cresce e superpõe-se outro universo, meu só meu – era sempre

era sempre aquela des-pensada imagem, cortina perfilada, de vinte eucaliptos. Era o silenciado coração-menino, dias, meses, anos, horas...

CAMARARDENTE

NEM FEIA nem fria. A morte é. Igual a si mesma. É a morte. Os humanos é que teimamos em enfeiá-la. Com os cristos de metal, os negriroxos, sétimos dias, nosso pranto.

Vidas vegetais foram ceifadas, em obséquio ao morto! dele o colorido e o odor, suas formas. Flores, flores. Mas insistimos em enfear a morte, - às saudades enlaçamos inscrições, ouropéis.

Bocejos entre áureos candelabros, máximas.

E vem a mosca de velório completar o desserviço...

Nem feia nem fria. A morte é. Igual a si mesma. É a morte. Mas tudo ludibrio e mascarada, patati-patatá no círculo da simples, da limpa.

QUANDO DEIXAREMOS ENFIM A MORTE PARA O MORTO, SEU ÚLTIMO DOM?

GLABRO, pálido, vestia de preto e falava por segmentos, telegraficamente. Imprevisível, só me aparecia a horas neutras.

Fazia uns minipoemas com (até) dezessete palavras, num caderno marrom de folhas diagramadas, que não mostrava.

Quando publicasse um livro sairia sob chave - Isaac Laquedém.

“Quem é?”

“O Judeu Errante”.

Um dia queixei-me do sábado chuvoso.

“Tira o sábado da chuva.”

E dizia que há vinte anos queimava as pestanas numa obra que iria revolucionar a economia política. Título: *Em Defesa da Burguesia Oprimida e Vilipendiada*.

Às vezes penso nele. Onde andarás? Aonde arrastará o labirinto de estar-aqui este ser de exceção?

MAR OCEANO

A GENTE do povo gosta de cuspir no Mar.

Água na boca? Gosto de salsugem? Talvez seja expediente seguro para, fantasiou o folhetinista, escolher criado-grave, mas

já observei que a gente do povo gosta de cuspir no Mar.

Ai! Será a grandeza, a majestade dele?

No corpo azul do Mar um mito dilata os braços, e se você ascender em aeronave, sondará através da lente enorme

cordilheiras, tesouro

de piratas, Moby Dick, mentirosas sirenusas, um afogado antigo.

No fundo do Mar é domingo todos os dias, mas ai!

já observei que a gente do povo gosta de cuspir no Mar.

FERRO-VELHO

É A SUGERIR restos de escombros, uma pirâmide de obsoletos, pobres objetos que tiveram sua hora, agora enfeRRujados, seCOS, INodoros, INsípidos, jubilados: bons para nada.

A sucata atulha o espaço até o teto, vagalhão que avassalando e avassalando só consente ao velho – o quê? a problemática margem junto à porta.

Se espraiaará em seguida para fora?

O único que não pergunta é o velho, estéril oficiante do morto culto.

Lá está, o cão em dormição, aos pés. Fuma e olha.

A mulher morreu. Os acólitos fugiram. Ficou ele só. O velho e o cão.

Silencia, e cumpre ritos ao pretérito.

SOBRE CÃES

VÊM do fundo da latinidade, do Liber IV, de Lucretius, do *De Natura Rerum*...

Vêm do esplim dos poemas em prosa de Baudelaire, que os chama bons e se inquieta pelos vaivéns desses “filósofos de quatro patas” a vagar pelas ruas.

“ – Où vont les chiens?”

Vêm das páginas das novelas russas, encharcadas de piedade, onde guias de um velho e seu bastão, atendem literariamente por Azor, Azor!

Estão em nossa imaginação de menino, ligados pelos vínculos de Vênus, espetáculo às primeiras curiosidades...

Estão atravessando as praças e pontes de toda a parte, orelhas à escuta;

e agora, vinte e duas horas, lá no mirador das estrelas – Constelação do Cão Maior – luminariamente sobre nossas cabeças...

LAOCOONTE

NO embalo em que ia, deu o homem-baixo, alguns passos ainda que não rimaram com os passos do homem-alto.

e a perna-esquerda do homem-alto, ao impacto, abriu-se em compasso de 180 graus no cimento liso da rampa molhada;

caía o homem-alto

agarrou-se em serpentina às roupas do homem-baixo, que aliás queria sustê-lo des o primeiro instante;

porém à manobra patética no cimento molhado da rampa lisa a perna-direita do homem-baixo

CHAPLINIANAMENTE

perlongou-se ao encontro da perna-esquerda do homem-alto na molhada rampa do liso cimento;

e, num átimo!, embolaram pela rampa molhada do cimento liso – num puzzle

de pernas e braços,

LAOCOONICAMENTE.

VARIAÇÃO SOBRE FORMIGAS

QUEM NÃO FEZ já o reparo de que as formigas.

f f f f f em seu carroiro g g g g g g g g g gg se encontram, param
fg fg fg fgfg fg fg fg e conversam? fg fg fg fgfg f

E de que falam essas ativas comadrinhas de avental? gf gf gf gf gf gf
Falam de tudo e muito mais fg fg fg fg

Há que-fazer, muita galeria a perfurar, frumento a agenciar para quando
nos galhos tiritarem as cigarras, mas agora sempre sobra a folguinha para
dois-dedos de prosa.

Mormente se fulge o Sol e na manhã há um minifúndio enxuto no
jardim dos agapantos ou num quintalejo, tudo avigora seus corpinhos cor
de brasa, desata-lhes a língua, tagarelam.

E anedotiza-se, fazem-se galhofas, intrigas, grandes e miúdas, inventa-
se, afronta-se. Tal como entre humanos? Tal qual. – Por isso prosperam
tanto os formigueiros.

AS MOSCAS

NÃO as de asa dourado e ônix, o inseto-íris, a mosca azul; mas as moscas das nossas casas, as cosmopolitas de cada dia e hora, abelhas do importuno, a mosca *musca*;

que estão aí com três mil olhos – parasitas e espiões – e que tanto sugam no cuspido como no cálice, picam a ferida como a romã, - mensageiras do Nada;

as moscas dos nossos vinagres, explosão e palavrão; vespas dos sanitários, do morto em seu caixão, da cópula no copo de leite.

Moscas. Terão Bosch e Bruegel se lembrado delas?

é ali, num painel, que existem em seu lugar; a intrigar em torno à calva de um mau frade içado num tonel, a aguçar a fina trompa no cume de um ovo; em rudo zum-zum no caos por cima do monturo;

ou a moscar, bem literárias – signo e som – na semiótica de uma prosa curta, aqui.

LAGARTIXAS

AS LAGARTIXAS são monjas de um convento lunar. É pra lá que se ausentam durante o dia.

Pronto começa a escurecer e acendem-se os lares, essas monjas clarissas deixam a clausura. E secularizam-se aí para a calíça das paredes.

Têm algo de fantasmas e dão curtas corridas.

Pode-se vê-las por dentro través a gelatina finíssima. Quando perdem um segmento vivem ainda. Serão eternas, as lagartixas?

Agora estão nos lindes da lâmpada do teto.

Hão de ter uma visão horizontal. Hão de enxergar o mundo às avessas.

Doidas, doidas são as outras, as mariposas!

Para estas salomés a lâmpada é uma estrela; viver, o rubro-feérico de uma noite de delírio! e toca a bailar, a bailar –

até perderem as asas

até caírem exaustas no tapete

até ceia-las as precatadas lagartixas...

FLASHES

NA TORRE gótica o carrilhão alivia-se das horas, - pelo interstício dos verdes ressoam os sons longos...

Uma calça listrada cruza a ponte; a móvel mancha mira-se no trêmulo da água, onde boia um papel amarrotado.

No degrau alto da escadaria oficial a pomba branca em coturnos vermelho desfila. É uma leide na passarela.

Luz na vidraça. Manhã! Manhã! Já não é ele. Só a aparência do outro – o real – que o sonho esposava.

Quis olhar o mundo por Aqueles Olhos; quando foi olhar, viu o mundo embaçado, - não eram o cristal que ele inventara.

MURAL

PARTIR. Principalmente para as viagens sem guia. E sem chegar.

Ponho o pé no deque e aventuro-me na animada verticalidade da parede.

LOSANGOS BARCO SINO...

QUASE-LIRA... LÁBIOS ÂNCORA

Terra de ninguém, e outros acasos no saibro do muro, - franja de possíveis. Que de horas e fina perícia, a da água!

RIO-CABELEIRA... COXA ADAGA afiada de inimigo
AROS ELOS?

Vígil escritura, irmã da do sonho: geometria em via de universo, - o próprio.

REDE-MOINHO

O MAR é mais mar. Existe o céu. Existe o Sol: dia novo! Mas os citadinos desjejuam manchetes, todo o lixo do mundo.

Entre livro e mar, me divido.

Logo a imensa presença vence, vence seu apelo. Fecho o livro, fico vendouvindo o mar.

Um homem no mundo –
o dia me expulsa, sou presa de vozes

bruaás

BABEL.

(corta um SUPERSÔNICO a floresta ao meio)

Viajor sem pátria,

v o u

imerso no frêmito, estrangeiro em mim...

OS MORTOS DO AR

U M minuto só

Um minuto só, de tantos jogados – um eternidade! – súbito cobrado
Queda no ar o espanto. Pássaros num saco. Gesto findo antes. Abraços
sem braços

Na carne o sabíamos: num minuto só – e logo no olvido – se vive, desvive
Outrossim em chamas, num minuto só, ali, aqui, em Orly, num chão de
cebolas

ABELARDO & HELOÍSA

*Et si uxoris nomen sanctius ac validius videtur dulcius mihi semper
extilit amicae vocabulum: aut, si non indigneris, concubinae vel scorti...*

Epístola Prima

– **R**OSA, ó rosa a quem rimei canções um dia, acima da Teologia, Heloísa! lá onde acaba toda ciência, o que vemos em enigma teremos em presença.

(Certo outros amores haveria sem o brilho deste, mas esta latina paixão – mescla de metafísica e volúpia – é o romance-legenda que permeia gerações)

- Abelardo, forte e sábio Abelardo! quisera ser o chão que pisas, o ar que respiras. Que mulher não sonharia ser tua? esposa, amante, ou até amor! tua puta adorada?

O DESEMBARGADOR

em tempo de estudante

LUSTRES. Vozes. Perfumes. Stela, a prima-dona, uma estrela! Paixão à primeira vista.

Que enormidade de amar! Só aquilo era viver. Os dela trinta anos em flor, o furor dos meus dezenove.

Caminhos do sentimento? Não há buscá-los no Código, matéria de doido e pródigo.

Homem feliz, infeliz: nave perdida em mar alto...

Ah! o amargo despertar quando dela me levaram... Bebi, quis morrer, matar, - muito soneto escrevi.

De novo fui estudar. Brilhei no Forum. Casei. Passem dias, sonhos, séculos, - somente a Stela eu amei.

NO PARQUE

O LÚDICO e o gratuito moram em toda parte. Porém no âmbito de um Parque grandes eventos sobrevêm.

Que raros atentem, que importa? Em júbilo nalgum lugar se hão de gravar, que ignoramos –

é uma folha dourada bailada pelo vento

é a labareda que se inflama no capim secado

é o diligenciar de seu momento lento, o caracol.

Eu vi – é verdinegro a água sob o arvoredado.

Uma ninfa golpeia.

Geometrizam-se – cada vez maiores – CÍRCULOS CONCÊNTRICOS.

DO CADERNO B

JÁ -

em voos rasantes, peito branco de andorinha.

Setembro! É ela! escassa para citadinos, mas ela, a Primavera.

Pé de milho, na nesga do chão de um baldio, emboneca. Que festa!

Os oitizeiros, troncos caiados, rebrotam um verde de ver. Chusma de
brunos pardais em matinada!

Virgens em fúria – na orla da praia
as ondas gritam, espumam, agridem o asfalto. – Por causa do Sr. Vento,
crina empinada, no cio?

Oceano, pai de antigas naus, rebrilha. O Sol é bom.

Contra o azul, no ar, as nuvens, bando de garças se esgarça...

AVE, VIRGÍNIA

CHEGASTE -

e os teus (o mundo é maior!) sorriem. Ó nascida Virgínia, nítida como uma palma. – vive, fulge, sê criança.

Pouca é a messe, diz aquele que fita os dias pleno de mágoa, sem fé. Este porém é o eleito dos deuses o que aprendeu na dor a amar e espera.

A Ti, Virgínia menina, moça amanhã, a criadora semente da alegria. Ela que faz as belas, - já distenda
asas para teu voo!

CINERAMA

DIA novo - Na rampa da pedreira as cabras mastigam; seus luzidios cabritinhos encabritam; os machos gozam o pôster da Cidade e bucolizam.

Há no ouro das acácias a mei'dia a lindeza do louro das vedetes; os cavalheiros flambuaiãs ardem.

E por cima do telhario ocre as mangueiras arredondam, coqueteando os brincos de princesa, seus frutos cordiformes.

À hora dos raros vagalumes no "Notre Rêve", em ruína, os mortos protestam pela boca da louca na janela de partidas vidraças.

Sábado, os pardais sentem-se nupciais e pousam na cássia imperial, que vestiu o vestido rosa...

SALINAS/SALINAS

AS SALINAS. De longe, já se anunciam pelos moinhos: dalias-gigante espalhadas na planície.

E o sal. Concreção em prismas faiscando ao Sol – retalho de vista polar inserida no trópico. O oceano nestes litorais tem reentrâncias de lago. O vento desafia o rosto e vem gana de gritar: Eh! Eh! Eh!

Salinas. Ah, os trabalhadores do sal!

Há a linha do horizonte. Há a luz nova das manhãs e o zarcão das tardes. Há também andorinhas marinhas, solitárias, em bando. Há muita coisa de ver:

o guaiar da ressaca, a asa triangular de um veleiro porfiando terra firme...

Para os trabalhadores, para estes com seus chapelões-antolhos, a grossa tarefa que curva o dorso e greta os pés – puxar sal dos cristalizadores.

UMA E MUITAS VEZES

UMA E MUITAS VEZES te temi. Uma e muitas odiei tua justiça, te interroguei nos outros rostos.

Conheço já, és a que há-de-vir. Convivamos, abro-te os postigos. Amada amiga não te diga, nem - Vem, libertadora.

Urde, sempre vigo, os fortes fios, urde sem alarde sobre o que te pertence. O teu triunfo prepara-o, quais leais inimigos que guardam o decoro.

Diante de ti, espelho cego, ó Morte! Tudo se magnifica. – Amarei cada hora numa despedida.

AO JUDEU DE VOORBURG

NÃO DIREI o teu nome. Que é um nome? Um sopro.

Tua humana paixão, a dor e os amargos exílios não há. Buscador por vigílias e audaz de muitas pelejas, vocação e destino queimou toda escória.

Ó puro em todas as horas, ó pobre por querer, rico luminosamente de ser. Por ti o átomo, o astro, se sabem e louvam. Até aí oh vitória! Alcança um mortal.

Morada de paz, és cisterna e és fonte.

Mal vejo teu vulto, que logo se some assimilado no eterno. Só, arde a flama, tanta luz! de teu Verbo.

ANTE O PEQUENO-GRANDE

...VOU PELA RUA, quando ouço a Tua voz. Me aproximo do acontecimento. NASCEU UM MENINO.

Não é fácil abrir caminho até junto do Teu berço. Além da nossa urgência, tumulto e circunstância tramam, Pequeno-Grande, para Te ocultar.

Necessário arredar tanto obstáculo, que tantos desistem. Ou aceitamos uma Tua prévia imagem – de bolso. Quando há que descobrir-Te – POIS NASCES PARA CADA UM.

Há que arredar muita falsa moeda. Mitologia muita. A par de trezentas toneladas de egotismo...

Delicadamente, Teu nascer vem refrescar-nos a memória. Mas fácil olvidamos. E prosseguimos entre arranha-céus, artefatos de guerra, ogivas nucleares, nosso ódio e nosso auto, dentro a vocação para o desamor.

2

COMO OLVIDAMOS fácil teimamos forte. De fato devemos fechar mil negócios, sepultar nossos mortos, ler jornais. Carecemos um dia de quarenta e oito horas e o encompridamos com drogas e buate.

Prisioneiros da hora e seus prestígios, cultivamos as verrugas da respeitabilidade. Somos técnicos e brilhantes. Adoramos o êxito, enquanto ensurdecemos para as presenças decisivas: um voo de pássaro, um cair de folha, uma palavra absoluta, o sulco em nós de um movimento do coração...

Neste dia raspamos a crosta, lavamos a escória, e do fundo desentranhamos (a nossa) a genuína imagem – Te vejo! Rosado e nuinho, Pequeno-Grande.

Nos braços de Tua mãe, junto a Teu pai, uns amigos, dois ou três bichos de casa e o fogo – tão simples, digo, tão solene. NASCEU UM MENINO. Não é o amanhecer?

3

NÃO TRAGO ouro, não trago oferendas. De mãos vazias. Abandono-te o meu espanto e a minha ignorante sagesa. Em murmúrio quase silêncio – é o que possuo.

E me curvo diante da Tua fragilidade, fragilidade de forte. Onde tropeçamos todos: os que Te buscam e os que Te ignoram, os lógicos e os visionários – homens efêmeros.

Chegaste. Nasces, e paradoxalmente eu é que recebo. Nem são poucos os dons. É a Alegria, é o Amor.

– Sê bem-vindo, Pequeno-Grande !

ORELHAS

Xavier Placer aplica-se ao estudo do poema em prosa no Brasil.

*A Literatura no Brasil, dir. de
Afrânio Coutinho*

E valiosa é a contribuição que traz à compreensão do problema. XP o faz com bom gosto, boa técnica de informação e transcrição, oferecendo assim um quadro seguro de evolução, entre nós, de tão promissor gênero literário.

*Afrânio Coutinho, Pref. ao
O Poema em Prosa*

Poeta, Xavier Placer é; mas certamente não é poeta no sentido vulgar da palavra.

*O. M. Carpeaux, Pref. ao
Imagens da Cidade*

É um espírito maduro, que tem algo a dizer, e que encontra ressonância em outros espíritos sem compromissos com modismos literários.

Murilo Mendes

Um mestre no gênero, sabedor na teoria e destro no fazer. Que se admire aqui, em *Notícias da Viagem*, o trabalho de criação de um verdadeiro artesão da palavra poética: uma orquestração requintada de sons, um espetáculo caleidoscópico de signos, um mundo de sugestões sinestésicas e mágicas.

Ronaldo Menegaz

Ao poema em prosa ("nem poema nem prosa, uma terceira coisa, conforme conceitua Xavier Placer em *O Poema em Prosa*," referido por Cassiano Ricardo em seu *Algumas Reflexões sobre Poética de Vanguarda*), objeto estético acabado em si, parece caberem os temas psicológicos ou não, do cotidiano, entre a boa prosa e a poesia. Substância lírica e beleza formal, os poemas em prosa de XP são a coisa mais séria que, depois da safra simbolista, no gênero se tem feito em nossa literatura.

Arnaldo José de Castro

Xavier Placer, *Notícias da Viagem* retomo, feliz, na literatura brasileira, uma tradição de antecedentes bem plantados em Raul Pompéia. Principalmente dentro do genuíno sentido do poema em prosa, que não deve ser confundido com a prosa poética.

Wilson Lousada